

Comunidade elege prefeito sem partido em Ceilândia

CORREIO BRAZILIENSE

10 FEV 1999

Escolhido é estudante, quer ser juiz de Direito e seu programa prevê ocupação dos becos, cursos e coleta seletiva de lixo

Fredson Charlson
Da equipe do Correio

Caçula de uma família de quatro irmãos, Marcelo Brandão das Mercês, 19 anos, é o xodó da casa 39 do conjunto D da QNM 17, em Ceilândia Sul. Rapaz esforçado, já concluiu o 2º grau e foi aprovado no concurso do Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU). Ele só aguarda a nomeação. Enquanto isso, vai fazendo cursos em busca de aprofundamento teórico. É que ele pretende, um dia, tornar-se juiz.

Quer fazer justiça com a própria consciência, dissolver conflitos e pregar a honestidade. Seria mais uma forma de trabalhar pela comunidade e melhorar a vida das pessoas. Enquanto o dia não chega — na última semana, Marcelo fez vestibular para Direito na Universidade de Brasília —, os esforços se concentram na prefeitura comunitária da quadra onde mora.

Não. Marcelo não é secretário ou

faxineiro da prefeitura (que, aliás, não tem sede própria, funcionários, nada). Ele é o próprio prefeito. Imaginem só, tão jovem e já responsável por facilitar o diálogo com o administrador regional, Eduardo Gomes, e atender às reivindicações de 2 mil moradores das 420 casas dos sete conjuntos da quadra. Difícil de imaginar?

Sim e não. Sim para os pais do rapaz — o caminhoneiro José Pereira das Mercês, 50, e a dona-de-casa Maria Brandão das Mercês, 49 —, que eram contra a investida do filho querido nesse “ramo”. Achavam que seria cansativo, que ele iria ser criticado, que não receberia apoio e que — pior — não teria tempo para estudar.

“Convenci-os da vontade de melhorar o ambiente. Um dia vou fazer um curso superior e sair daqui. Quero deixar um bom lugar para os meus pais”, conta Marcelo, que só aceitou o convite do ex-prefeito da quadra, Francisco Hélio, depois de muito pensar. Decisão tomada, hora das eleições. Com

chapa única, ele recebeu 131 votos. “Não esperava. Não era tão conhecido. Isso mostra o quanto as pessoas confiam em mim.”

Apesar de jovem, Marcelo — que confessa nunca ter lido sobre ciência política — sabe que uma prefeitura comunitária (como o próprio nome diz) existe por vontade da comunidade. Se os moradores se esforçam para dar condições de trabalho, a prefeitura funciona. E é por isso que ele quer servir de porta-voz desses pedidos e evitar aglomerações de reclamantes na administração da cidade.

CONFIANÇA

“Sei que não tenho poder de atuação nenhuma e tudo isso só vai ser possível se tiver apoio. Um vizinho vai emprestar o computador para os trabalhos da prefeitura e as reuniões serão marcadas na Escola Normal de Ceilândia, na EQNM 17/19. Vamos levando”, conta o rapaz, que é praticante de natação e cooper. E que, por enquanto, pensa nas prioridades do seu “governo” — ocupação dos becos, segurança, cursos de alfabetização de adultos, coleta seletiva de lixo e incentivo ao comércio — no quarto que divide com dois irmãos e que, às vezes, faz de escritório.

Sim, a vida do jovem prefeito

comunitário da QNM 17 não é fácil. Diversão, só no fim de semana, com os amigos. No roteiro, boates do Pistão Sul de Taguatinga. Onde dança country e sertanejo, os estilos preferidos. E onde comemora a confiança dos vizinhos em sua gestão. “Eu acredito nele. É jovem, disposto, o único que se propôs. Todos gostam dele. Ele tem que lutar por segurança e lazer”, diz a comerciante Maria das Dores Vieira, 33, moradora da quadra.

O rapaz, que tem um longo histórico de liderança estudantil (foi representante de turma no Centro Educacional 3 de Ceilândia e presidente do Conselho Escolar durante um ano e meio), não é filiado a nenhum partido. E garante que nem pretende, no futuro, exercer algum cargo político. Ele quer mesmo é fazer um recadastramento, uma espécie de minicenso na quadra. E, assim, conhecer melhor os vizinhos e saber as suas condições de vida e principais carências.

Ele acredita que só assim poderá trabalhar com conhecimento de causa. Mas Marcelo Brandão quer mesmo é retribuir a confiança dos pais, que acabaram sendo convencidos de que ele, finalmente, poderia melhorar o lugar que escolheram para viver há mais de 20 anos.